

Peru deixa de ser ovelha negra para ganhar condição de nova estrela do mercado

por Celso Pinto
de Londres

O Peru, até recentemente considerado a "ovelha negra" dos países latino-americanos, transformou-se na mais nova estrela ascendente da região.

A dívida peruana, que em 1987 valia apenas 4 centavos por dólar, hoje está perto de 28 centavos por dólar, próxima ao valor da dívida brasileira de médio prazo (MYDFA). A última cotação do MYDFAL, no final de fevereiro, foi de 29,50 centavos por dólar.

Duas instituições financeiras estão, no momento, tentando comercializar fundos de investimento exclusivos para o mercado acionário peruano. O Latin American Securities (LAS), maior administrador europeu de investimentos na América Latina, com uma carteira de US\$ 650 milhões, está montando um fundo aberto para o Peru, com uma meta de US\$ 40 milhões.

O norte-americano Bankers Trust também está montando um fundo, fechado, para investimentos em ações peruanas, estimado em US\$ 25 milhões. E há rumores de que a corretora americana Oppenheimer também estaria interessada em lançar um fundo exclusivo peruano.

O que atrai no Peru, além do regime mais liberal para investimentos estrangeiros na América Latina, é o potencial de recuperação. O país passou por uma devastação nas últimas décadas. Ao final do ano passado, a renda per capita, inferior a mil dólares, equivalia à de 1960. Hoje há sinais de melhora.

A inflação caiu de 7.649% em 1990 para 57% no ano passado. O Peru acertou os atrasados com o FMI e o Banco Mundial e aprovou um programa de ajuste com o Fundo que prevê um crescimento de 3,5% neste ano. A prisão, de Abimael Guzmán, líder da organização terrorista Sendero Luminoso, em setembro último, e de mais 200 terroristas, reduziu as incertezas nesta área.

O golpe com o fechamento do Congresso, em abril do ano passado, acabou isolando politicamente o presidente Alberto Fujimori na comunidade internacional, embora tenha sido saudado por um salto no mercado acionário.

As eleições para o Congresso em novembro e os planos para reforma constitucional, contudo, ainda que não sejam um modelo de democracia, parecem ter sido suficientes para reerguer seu prestígio internacional. Um pequeno exemplo do reingresso de Fujimori nos círculos do "establishment" financeiro internacional foi o fato de o jornal econômico americano The Wall Street

Journal ter publicado um artigo seu, nesta semana, na sua página editorial.

Eduardo Faria, do LAS (uma associação entre o britânico Foreign & Colonial e o banco de investimento Garantia), lembra ainda o programa de "privatização selvagem", envolvendo US\$ 2,5 bilhões, como um atrativo a mais, especialmente do ponto de vista do mercado acionário. "Fujimori tem feito um governo bastante audacioso e tem obtido resultados muito bons do ponto de vista econômico", avalia.

A bolsa peruana está em pleno "boom". A valorização no ano passado foi de 124%, a maior na América Latina. O valor de capitalização de mercado saltou de US\$ 812 milhões em 1990 para US\$ 2,6 bilhões no ano passado. É mínimo, comparado aos quase US\$ 50 bilhões do mercado brasileiro, mas é razoável em relação a outros países latino-americanos.

O giro na bolsa é de apenas US\$ 5 milhões por dia, mas esse volume, lembra Faria, é maior do que a média do mercado chileno. O LAS já tem US\$ 10 milhões investidos no mercado peruano há mais de um ano, com um excelente retorno. "É um mercado de porta estreita na entrada e na saída", admite Faria, "mas com grande potencial de ganho". A baixa liquidez gera volatilidade, mas a alta volatilidade é uma das atrações para os fundos internacionais.

O LAS já administra dois fundos de investimento exclusivos no Brasil, um no México, outro na Argentina e um na Colômbia, além de dois fundos gerais para a América Latina e outros fundos específicos. Em parte, diz Faria, a atração pelo Peru veio da questão central que se faz no mercado sobre quem pode ser a nova estrela, depois das investidas nos mercados mexicano, brasileiro, argentino, chileno, venezuelano e colombiano.

O fundo para o Peru do LAS, registrado em Luxemburgo, é voltado para investidores institucionais: com mais de US\$ 50 mil, na definição da autoridade reguladora. A demanda, segundo Faria, inclui muitos investidores latino-americanos, chilenos, argentinos e mexicanos.

O risco de um revés é sempre considerável, mas a atração de entrar num mercado no momento em que ele começa a decolar é muito forte. E depois do Peru? Não sobram muitos outros mercados acionários com um mínimo de porte na América Latina. No mercado, diz Faria, alguns começam a comentar sobre o Equador. O valor de capitalização, no entanto, não passa de US\$ 200 milhões.